

O emprego do grupo Wagner em proveito do Estado russo na guerra da Síria

Cap Art Douglas de Paula Machado*

Introdução

O advento dos armamentos nucleares e a capacidade de alguns países para empregá-los provocaram uma interrupção nas intervenções militares entre as potências mundiais. A causa principal dessa retração surgiu do conceito de *Mutual Assured Destruction – MAD*, a destruição mútua assegurada, termo criado durante a Guerra Fria, após a União Soviética desenvolver seu armamento nuclear, equiparando-se aos Estados Unidos da América (EUA). Tal conceito consiste na ideia de que o emprego em grande escala de armas nucleares leva à destruição tanto de quem se defende quanto de quem ataca. Em suma: o primeiro a atirar será o segundo a ser destruído.

Mesmo com a queda do muro de Berlim e a ascensão do sistema multipolar, no entanto, a busca por mercados consumidores, a influência regional e até a defesa de interesses estatais continuam fundamentais para o progresso dos Estados nesse novo sistema. Nesse contexto, surgem as companhias militares privadas, como uma alternativa eficaz ao Estado, devido à hesitação das potências militares em gerar conflitos diretos, pois essas empresas atuam sem representar uma nação específica, apenas buscando alcançar seus próprios interesses como instituição privada.

A ascensão das companhias militares foi oportunista porque, após o colapso do mundo bipolar, houve uma mudança no cenário de segurança internacional, devido ao surgimento de lacunas de poder, que foram preenchidas pela iniciativa privada. Houve ainda, a partir dos anos 1990, a disseminação de uma mentalidade de privatização, inclusive das atividades militares, antes exclusivas das forças armadas (FA). Vale destacar, como contribuição a esse crescimento, o aprimoramento dos meios de comunicação,

como a internet, que tornaram públicas as atrocidades da guerra, influenciando a opinião pública a recusar o emprego de suas FA em incursões de resultado duvidoso.

Diante desse panorama, surgiu o interesse em compreender o motivo pelo qual alguns países utilizam companhias militares privadas para alcançarem os interesses estatais. Dentre os conflitos do século XXI, a guerra na Síria foi a que despertou curiosidade pela quantidade e relevância dos atores envolvidos: EUA, Rússia, Irã, Arábia Saudita, Turquia, Israel, além de elementos não estatais, como o Estado Islâmico e o povo Curdo. O que se pretende enfatizar neste artigo, entretanto, é o envolvimento da Rússia no conflito sírio, partindo do pressuposto de que o país busca obter uma liderança no âmbito internacional e gerar estabilidade na região de forma a beneficiar sua política externa. Acredita-se que o governo russo, possivelmente, serviu-se da atuação de uma companhia militar privada chamada Grupo Wagner, à qual foi atribuída grande parte da responsabilidade na conquista de territórios e interesses de Bashar al-Assad na Síria, por meio do apoio direto no combate às tropas do regime sírio. O sucesso na manutenção do governo de Assad assegura à Rússia a conquista de seus interesses naquele país, na região e no sistema internacional.

Diante disso, identifica-se o seguinte problema: de que maneira o Estado russo consegue obter a vitória na tão complexa Guerra da Síria, tendo como um dos principais fatores de êxito o emprego de uma companhia militar privada?

A partir desse questionamento, decidiu-se como tema central da pesquisa: “O emprego do Grupo Wagner em prol do Estado Russo na Guerra da Síria.”

* Cap Art (AMAN/2013, ESAO/2022). Possui MBA em Relações Internacionais e Estudos Estratégicos pela UFF/RJ e Curso de Viatura Blindada de Combate Obuseiro Autopropulsado M109. Foi instrutor da AMAN entre 2016 e 2019. Atualmente, serve no 27º GAC.

A justificativa da pesquisa encontra-se na ideia de que atores não estatais estão sendo empregados por potências militares, como a Rússia, em conflitos externos, e não são somente utilizados diretamente por esses países, mas também em favor de seus aliados. Há informações de emprego do Grupo Wagner na Venezuela, por exemplo. Diante disso, torna-se relevante o seu entendimento, particularmente para os militares brasileiros, pela necessidade de conhecer mais uma possível ameaça da atualidade.

Utilizando como metodologia a pesquisa bibliográfica em livros, periódicos, artigos científicos e sítios eletrônicos, buscar-se-á levar o leitor à compreensão do contexto sobre o qual discorre a pesquisa. Para solucionar o problema levantado, procurar-se-á apresentar a pesquisa estruturada da seguinte forma: uma breve descrição sobre grupos mercenários, seguida da apresentação da Guerra da Síria, desde sua origem, passando pelos principais atores envolvidos e por seus desdobramentos. Além disso, será apresentado o Grupo Wagner, sua finalidade, composição e organização. Posteriormente, será abordada a intervenção russa na Síria, mais especificamente do governo Putin, no que concerne às suas diretrizes e interesses internacionais. Encerrando a exposição de ideias, será explicada a atuação do Grupo Wagner na Guerra da Síria, em favor dos interesses russos.

Os grupos mercenários

Os mercenários são indivíduos que remontam à Idade Antiga, sendo eles atualmente denominados *Private Military Companies* (KINSEY, 2006), Companhias Militares Privadas, ou ainda, Neomercenários (BRANCOLI, 2010). Desde a Idade Antiga, período em que se tem registro do emprego de mercenários, houve uma característica que permaneceu constante: “a recorrência com que esses atores exerceram o poder de empregar a força militar pelo consentimento da autoridade central” (NASCIMENTO, 2010).

Tal concessão não afetava a autoridade do governante. Ao contrário, fazia parte do costume antigo essa coexistência e compartilhamento do poder de coerção entre o Estado e elementos não estatais, uma vez que ambos obtinham benefícios. Nas tratativas entre governantes e mercenários, não havia disputas sobre a prioridade do uso da força, não exis-

tindo, portanto, exclusão de ganhos das partes. Isso porque os mercenários se associavam por interesses econômicos; já as forças regulares eram motivadas pelos vínculos profissionais, sociais, religiosos, territoriais ou ideológicos.

O Estado moderno, desde sua formação no século XII (CARVALHO, 2019), tem como uma de suas principais características o monopólio do uso da violência legítima. Mesmo com o aumento da força estatal, os mercenários foram mantidos como parte dos esforços governamentais para a manutenção de seu *status quo*. Os governantes identificaram nesses contratados uma oportunidade de potencializar seu poderio militar, conforme destacou Nascimento (2010), sobre o emprego de mercenários a favor do Estado: “Tanto no passado, quanto no presente, o poder central saberá bem explorar suas capacidades [os mercenários].”

A guerra na Síria

A atual situação da Síria pode ser mais bem compreendida quando se remonta ao cenário desenhado logo após o término da Segunda Guerra Mundial. A partir de sua independência, em 1946, ocorreu na Síria uma série de golpes de Estado, que culminaram com o golpe de 1970, deflagrado por Hafez al-Assad, do Partido Baath, partido com viés socialista, nacionalista e pan-arabista (BRANCOLI, 2017).

A partir desse episódio, o país estreitou relações com a União Soviética, tornando-se importante aliado na região, mormente em acordos militares, que, entre as décadas de 1970 e 1980, levaram à compra de quase meio bilhão de dólares em material bélico (KERR; LANKIN, 2015). No referido período, a Síria também permitiu aos soviéticos a utilização de uma base naval na localidade de Tartus, litoral do Mediterrâneo.

Após incursões sírias malsucedidas contra Israel, no entanto, houve uma maior aproximação do Ocidente, e, com o fim da Guerra Fria, ocorreram pressões internas para mudanças políticas. Diante do novo contexto, Hafez concedeu maior liberdade de imprensa e política ao país, período denominado como “Primavera de Damasco” (NOUEIHED;

WARREN, 2013). Ainda assim, não deixaram, todavia, de existir confrontamentos violentos entre as forças governamentais e a oposição.

Com a morte de Hafez al-Assad, em 2000, assume o governo seu filho Bashar al-Assad, que, nos anos seguintes, realizaria uma maior abertura da economia a investidores estrangeiros, ainda que sob controle estatal, e fomentaria o desenvolvimento do turismo local. Tal abertura permitiu a ascensão econômica da ala alauíta, de grupos ligados ao governo, e da sunita, mais ligada aos grandes centros urbanos.

Durante a Primavera Árabe, a Síria passou por um período de protestos, que tiveram sua gênese após forças governamentais agredirem crianças que, supostamente, escreveram em muros mensagens contra o regime de Assad, sendo reprimidas com bastante violência. Tais agressões geraram grande

revolta popular em defesa das crianças, a que se somaram diversas reivindicações, como manifestações contra o descaso com os serviços públicos prestados e contra o abandono da população, que levaram a confrontos com as forças governamentais. Os segmentos pró-Assad e oposicionistas envolveram-se nos conflitos, tornando o cenário extremamente complexo, culminando em uma guerra civil (BRANCOLI, 2017).

Os atores da Guerra Civil da Síria podem ser estudados em escala global, regional e territorial, os quais estão representados na figura 1. Na escala global, é possível destacar, primeiramente, a presença norte-americana no país, oferecendo, inicialmente, apoio não letal e ajuda humanitária e, posteriormente, durante a administração Obama, disponibilizando suprimentos militares aos grupos de oposição ao governo de Bashar al-Assad (FURTADO, 2014).

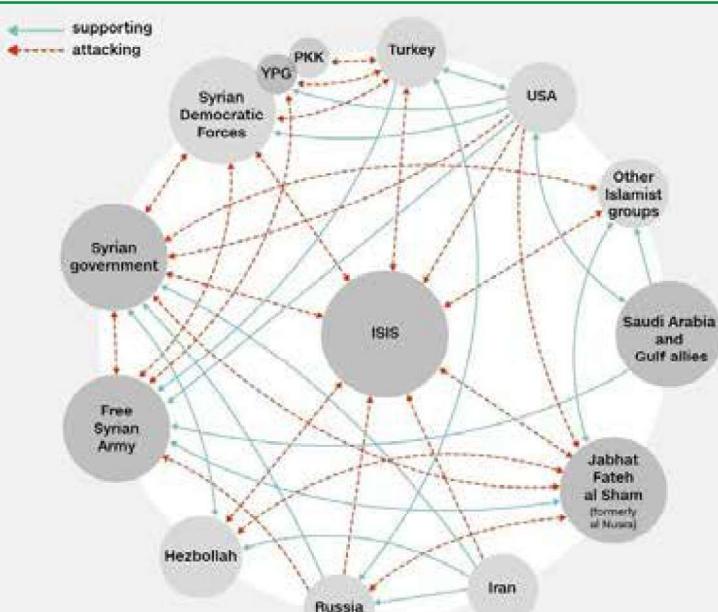


Figura 1 – Alianças na Guerra da Síria

Fonte: CNN

A derrubada desse regime atende aos interesses de Washington e de seus principais aliados na região: Israel e Arábia Saudita. Além disso, poderia se estabelecer, em seu lugar, um governo democrático liberal, tornando-se mais um aliado comercial disponível para a entrada de empresas norte-americanas. Destaca-se, ainda, o objetivo dos EUA na região de combater os focos de resistência do Estado Islâmico, dando prosseguimento à sua política de “Guerra ao Terror”.

A Rússia é outro ator global com muitos interesses na manutenção do governo de Bashar al-Assad, que vai desde o comércio de material bélico, iniciado com a antiga União Soviética (FURTADO; RODER; AGUILAR, 2014), até a permanência na estratégica base naval de Tartus (BRANCOLI, 2017), o que lhe permite exercer influência geopolítica na região, sendo uma opção de navegação em águas quentes para a frota naval Russa.

Desde o início dos protestos, o governo russo forneceu suporte político e logístico. Esse apoio foi essencial para manutenção do governo Assad, quando, em 2015, passou a apoiar, com presença militar, a reconquista de territórios. A participação russa também visava à contenção da expansão de movimentos terroristas, como o Estado Islâmico, pois havia o temor de que o grupo atingisse territórios russos, como a Chechênia (BRANCOLI, 2017).

Por sim, a Rússia possui interesse em reafirmar-se como liderança regional (BRANCOLI, 2017), demonstrando capacidade de gerar estabilidade em conflitos que ali ocorram, o que, consequentemente, contribui para diminuir a influência norte-americana na área.

Apesar da congruência no combate ao Estado Islâmico, EUA e Rússia divergem quanto à permanência do regime de Bashar al-Assad, o que torna esse antagonismo um dos pontos de maior tensão na atualidade, pois ambas as nações são potências militares com arsenal nuclear.

Na esfera regional, o Irã, o Iraque e o Líbano são aliados pró-Assad, dos quais recebe apoio financeiro, convertido em benefícios às tropas especializadas que realizam trabalhos de inteligência e treinamento militar. Em apoio às forças oposicionistas, há a Turquia, o Catar e a Arábia Saudita, que, de forma semelhante ao seu antagonista, também fornecem armamento e treinamento militar às tropas rebeldes (FURTADO; RODER; AGUILAR, 2014).

Já no âmbito interno, os insurgentes formam um grupo bastante heterogêneo, que, devido a interesses divergentes, não conseguem derrubar Bashar al-Assad. Têm em sua composição: militares desertores; grupos islâmicos, como a Irmandade Muçulmana do Egito;¹ e extremistas, como a Frente Al-Nusra,² ligada à Al-Qaeda; o Comando Militar do Exército Livre da Síria;³ e o Estado Islâmico do Iraque e do Levante.⁴ Apesar das manifestações que deram início ao conflito reclamarem por um regime democrático, os oposicionistas vislumbram implantar um regime autoritário, anti-EUA e sob leis islâmicas.

Em apoio ao governo de Assad, há parte da população, as Forças Armadas, os movimentos nacionalistas, os simpatizantes ao Partido Baath, os admi-

radores de Hafez e Bashar al-Assad, brigadas Baath, o Exército do Povo e da Força Nacional de Defesa – tropa de caráter transitório, que só atua em tempos de guerra (FURTADO; RODER; AGUILAR, 2014).

Informações gerais sobre o grupo Wagner

O Grupo Wagner é uma companhia militar privada, que tem como objetivo atuar em operações militares em prol do governo russo. Foi criada pelo tenente-coronel Dmitri Utkin, ex-operador das forças especiais russas, os *Spetsnaz*, e é financiada pelo empresário Yevgeny Prigozhin. Recebe, ainda, o monitoramento dos oficiais do GRU (Diretório Central de Inteligência Militar), ligado às forças armadas russas e ao FSB (Serviço Federal de Segurança), sucessor da KGB (ARANHA, 2018). A figura 2 ilustra, resumidamente, o organograma da empresa, áreas de atuação e seus elos com o governo russo. Cabe ressaltar que a empresa está registrada em Hong Kong, uma vez que empresas militares privadas não são legalizadas na Rússia (VICE *apud* ARANHA, 2018).



Figura 2 – Organograma do Grupo Wagner
Fonte: Defesanet.com.br

O Grupo Wagner procura contratar veteranos com experiência militar, voluntários de todo o Oriente Médio e a Ásia Central, ex-operadores das Forças Especiais Russas e conscritos de unidades autônomas da Federação Russa. Seu efetivo é de difícil estimativa, porque varia conforme as necessidades operacionais. Acredita-se, contudo, que seja de aproximadamente 20.000 homens, distribuídos, atualmente, em operações militares na Ucrânia, Síria, República Centro-Africana e Sudão. Na Síria, segundo o *Fontanka*, ca-

nal independente de notícias russo, estima-se que há, no mínimo, 3 mil contratados (VASILYEVA, 2017).

O grupo possui elementos de infantaria, artilharia, defesa antiaérea, blindados, assessoria militar e inteligência. Seu centro de treinamento está localizado junto à Brigada de Forças Especiais russa, na localidade de Molkin, província de Krasnodar. O compartilhamento de instalações das tropas especiais russas com o Grupo Wagner demonstra proximidade entre a empresa e o Ministério da Defesa russo, indicando que os mercenários têm acesso aos mesmos recursos de suas tropas de elite, o que lhes confere superioridade em relação às demais empresas russas do setor (SUKHANKIN, 2018).

Dentre os tipos de operações realizadas estão: as guerras por procuração, do governo russo contra o Ocidente; anexação de territórios, como os casos da Crimeia e Donbass, na Ucrânia; e assessoria e treinamento militar na República Centro-Africana e Sudão. No tocante à Síria, a empresa dá assistência ao governo de Bashar al-Assad, oferecendo treinamento às forças regulares e milícias pró-Assad, assim como realizando o combate aos grupos insurgentes e ao Estado Islâmico. Além disso, capturaram e controlam campos de petróleo e gás ocupados por rebeldes e pelo Estado Islâmico na Síria (ARANHA, 2018).

A entrada da Rússia no conflito e a retomada de territórios

As justificativas dos interesses russos na Guerra da Síria seguem a linha de pensamento neo-eurasianista⁵ adotada pelo Kremlin como prioridade na política externa. O restabelecimento da ordem na Guerra da Síria, sobretudo se mantida sob controle de Bashar al-Assad, representa para a Rússia uma base de trampolim para seu objetivo principal de ser reconhecida como um líder global. Pôr fim à Guerra da Síria, além de mostrar a capacidade russa de solucionar crises externas, significaria enfraquecer a presença dos EUA e da União Europeia no Oriente Médio, impedindo a instauração de um novo governo sob influência ocidental na região. A Síria é tão importante para a Rússia que sua estabilidade está inserida no Plano de

Política Externa da Rússia de 2016, que declara:

A Rússia representa um acordo político na República Árabe da Síria e a possibilidade de o povo da Síria determinar seu futuro (...) A Rússia apoia a unidade, a independência e a integridade territorial da República Árabe da Síria como um Estado secular, democrático e pluralista, com todos os grupos étnicos e religiosos vivendo em paz e segurança e desfrutando de direitos e oportunidades iguais. (NUNES; SILVA, 2018, p. 240)

Desde 2015, o Estado Islâmico controlava a maior parte do território sírio; no entanto, havia curdos mantendo posições no norte do país e tropas rebeldes que se espalhavam pelo leste e pelo sul. O grupo terrorista, diante dos impedimentos, viu-se obrigado a avançar para o interior da Síria. Nesse movimento, o Estado Islâmico conquistou Palmyra, pressionando as tropas de Assad, que já estavam em dificuldades, e realizou um cerco sobre a cidade de Deir ez-Zor (SILVA, 2018).

Diante do enfraquecimento das forças armadas sírias, em setembro de 2015, a Rússia passou a intervir em seu favor no conflito, inicialmente realizando ataques aéreos aos focos de resistência. Dessa maneira, os russos lideraram uma coalizão pró-Assad, composta pela milícia das Forças Nacionais de Defesa, do Hezbollah e do Irã, os quais adotaram uma postura offensiva e, rapidamente, restabeleceram os territórios perdidos (SILVA, 2018).

Os combates foram travados, em especial, contra o Estado Islâmico, com disputas por cidades estratégicas para a Síria. As mais importantes foram: Palmyra, de valor histórico e detentora do campo de gás Shaer; Aleppo, também de importância histórica e onde está a mais importante central termoelétrica do país; e, por fim, Deir ez-Zor, uma região agrícola e com a maior reserva de gás e petróleo do país (SILVA, 2018).

Em 2016, houve a retomada de Palmyra. Logo em seguida, as forças aliadas a Assad voltaram-se para Aleppo, onde permaneceram combatendo por meses até sua conquista, que representou uma reviravolta nos conflitos dali em diante. A partir daí, o Estado Islâmico mostrou-se disperso e desorganizado, deixando de ser prioridade. O foco das operações, então, estava em impedir o avanço dos curdos, que combatiam o Estado Islâmico em Raqqah. Em setembro

de 2017, as forças regulares do governo sírio conseguiram romper o cerco a Deir ez-Zor, possibilitando, assim, a retomada de outros territórios próximos e diminuindo consideravelmente a presença do Estado Islâmico na Síria (ISSAEV *apud* SILVA, 2018).

Em janeiro de 2018, a Rússia apoiou uma intervenção turca na região de Afrin, que se encontrava sob controle dos curdos. Em princípio, a intervenção tinha como finalidade neutralizar o iminente ataque curdo a Idlib, que ameaçava uma tropa bastante desgastada das forças regulares sírias. Sabe-se, entretanto, que houve interesse de ambos os lados, tanto turco quanto russo, tendo em conta que, na região de Afrin, está instalado o gasoduto Turkish Stream, construído pela empresa russa Gazprom. Além disso, o presi-

dente dessa empresa declarou a intenção de construir um outro gasoduto no território turco (ISSAEV *apud* SILVA, 2018).

Atualmente, os conflitos persistem particularmente na região de Idlib, onde há a última resistência a Assad, com cerca de 70 mil insurgentes. O local é considerado uma posição estratégica por localizar-se próximo de uma base aérea russa na Síria, na fronteira com a Turquia e, ainda, por ser cortado pela rodovia M5, a principal via de acesso ao norte (CHUGHTAI, 2018 *apud* SILVA, 2018).

A figura 3 retrata a situação da distribuição do território sírio entre os grupos beligerantes, destacando as principais cidades da Síria atualmente.

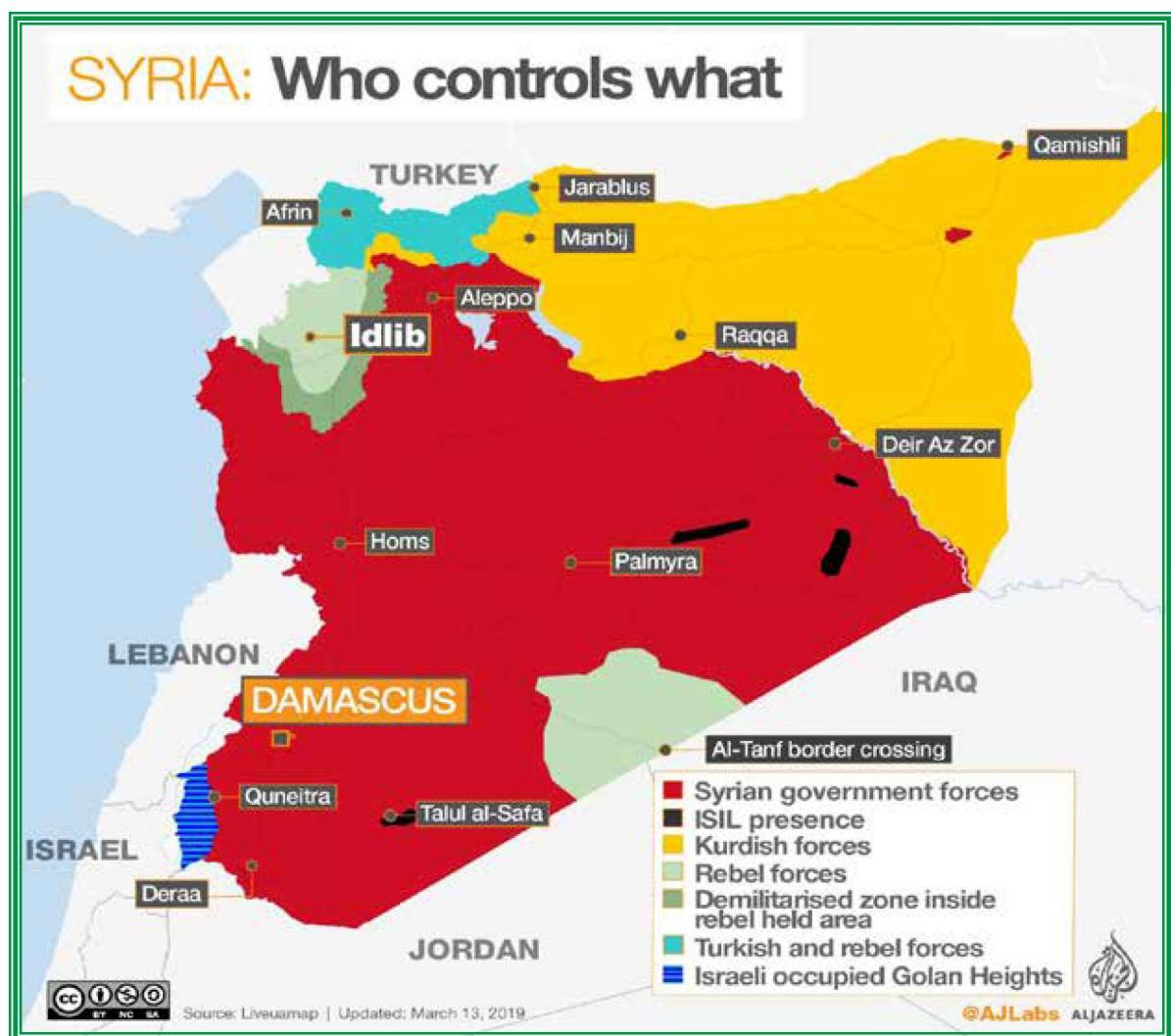


Figura 3 – Divisão territorial da Síria até 13 de março de 2022
Fonte: Al Jazeera

O emprego do Grupo Wagner

Com o agravamento dos combates na Síria, o governo russo, objetivando diminuir as baixas em suas tropas, resolveu雇用 mercenários do Grupo Wagner, evitando repercuções negativas perante a opinião pública. A utilização dessa empresa teve por fim poupar as tropas russas dos embates mais difíceis contra o Estado Islâmico. Além disso, o Grupo Wagner não gastava recursos russos, já que firmava seus acordos diretamente com o governo sírio, obtendo seus ganhos da participação dos lucros na extração de petróleo e gás, o que fazia do grupo uma empresa autossuficiente (GIGLIO, 2019).

Os militares com maior conhecimento técnico-militar da companhia eram responsáveis pela preparação e treinamento das tropas especializadas do Exército Sírio e dos militantes pró-Assad. Já os demais soldados da empresa estavam engajados no combate propriamente e eram chamados, de modo pejorativo, pela alcunha de “bucha de canhão”, devido aos altos riscos enfrentados contra o Estado Islâmico e às constantes baixas.

No que tange à organização nas operações, estavam desdobrados como forças regulares, em batalhões, compostos por oficiais e seus subordinados. Sobre a coordenação da manobra, é muito difícil ser assertivo, pela falta de informações precisas, mas, ao que tudo indica, estaria a cargo da inteligência militar russa. Assim, a relação entre o governo russo e o Grupo Wagner remete à ideia de uma parceria público-privada entre os financiadores da empresa e o governo russo, que ficaria com os encargos de armar, transportar e mobilizar pessoal em apoio ao combate (GIGLIO, 2019).

Relato de um contratado do Grupo Wagner na Guerra da Síria

Para os soldados do Grupo Wagner que estão na linha de frente, as condições de combate e o suporte logístico são bastante precários. Peck (2019) registrou o relato de um ex-oficial de artilharia do Exército Russo, mercenário veterano da Guerra da Síria, que detalha a experiência no *front*.

O veterano afirma que o pagamento recebido foi de aproximadamente US\$3.100,00 por mês, muito menor do que se costuma pagar a contratados norte-americanos, mas que, para a realidade russa, é um alto salário, em comparação com as tropas russas, que são mal remuneradas e trabalham em más condições. Também disse que o equipamento recebido era péssimo, sendo comum os soldados contratados conduzirem o seu próprio equipamento.

Além disso, telefones celulares eram proibidos, mesmo que pudessem ser conseguidos no local. A empresa fiscalizava e recomendava que celulares não fossem adquiridos, a fim de se evitar o vazamento de informações, o que acarretaria o retorno do transgressor para casa sem receber pagamento algum.

Quanto à alimentação, o ex-contratado relata que era ruim e consistia em comida enlatada, arroz e macarrão, deixados em grandes fardos mensalmente. Sobre a má qualidade da comida, entre os mercenários havia a crença de que essa era a parte mais difícil durante as campanhas militares, sendo impossível sobreviver mais de seis meses se alimentando dela.

Contou, ainda, que as munições serviam como uma espécie de moeda, isto é, com a venda de 10 a 15 cartuchos para um intermediário, era possível adquirir cigarros, bebidas alcoólicas e melhor equipamento.

Esse veterano retornou para casa depois de seis meses, com mente e corpo intactos, além de um pouco mais rico, conseguindo pagar suas contas, porém enojado e desiludido com o ambiente de completa anarquia e ilegalidade que testemunhou. Concluiu a entrevista dizendo o seguinte: “O país depois de uma guerra é ainda pior do que durante a guerra”.

As ações desencadeadas pelo Grupo Wagner

As ações do Grupo Wagner no conflito da Síria, a princípio, eram atividades de segurança e proteção de instalações governamentais, bem semelhantes ao que as forças especiais russas – os *Spetsnaz* – realizavam. Sua atuação muda, contudo, quando as forças armadas de Bashar al-Assad recuperaram a ofensiva,

quando os mercenários passam a engajar-se diretamente nos conflitos e a sofrer dezenas de baixas. Há informes de que recebiam US\$88,00 por cada jihadista eliminado. Já os *Spetsnaz*, que antes estavam na vanguarda, passam à retaguarda, sob proteção das linhas amigas, fugindo-se à normalidade dessa tropa especial (CRAWLEY; LUBER, 2018).

Na conquista de Palmyra, os mercenários do Wagner envolveram-se completamente, inclusive utilizando carros de combate blindados, modelo T-90, durante a operação. Os mercenários foram os primeiros a chegar, seguidos pelas tropas regulares russas e, depois, pelo Exército Árabe Sírio, por razões de publicidade. A conquista representava um marco na retomada do controle do território sírio, e, por conseguinte, servia de propaganda para o governo de Bashar al-Assad (CRAWLEY; LUBER, 2018).

O posicionamento das tropas mercenárias do Grupo Wagner na ação primária, à frente das tropas regulares em apoio, foi um *modus operandi* inédito entre as companhias militares privadas. No caso de empresas mais tradicionais nesse ramo, como a Blackwater, os mercenários eram usados, especialmente, em missões secundárias de segurança de instalações, patrulhamento de “zonas verdes” e proteção de VIPs, deixando as ações mais relevantes para as tropas norte-americanas. A partir de uma ótica pragmática, percebe-se uma linha de ação bastante sagaz por parte dos comandantes russos, que, assim, poupariam suas tropas dos confrontos mais críticos, transferindo as prováveis baixas para os batalhões mercenários (GIGLIO, 2019).

O ataque ao posto avançado em Deir ez-Zor

Em 7 de fevereiro de 2018, uma força com cerca de 500 soldados, entre contratados e aliados locais, utilizando 27 veículos militares blindados, decidiu atacar um posto avançado controlado por um pequeno efetivo de militares curdos e norte-americanos, na cidade de Deir ez-Zor, no leste da Síria, ao lado do campo petrolífero de Conoco (GIBBONS-NEFF, 2018).

A invasão, todavia, foi um verdadeiro fracasso, porque os norte-americanos, ao perceberem a mo-

bilização para um ataque, solicitaram apoio de fogo diante do grande efetivo que se aproximava. Os americanos realizaram, então, ataques aéreos com caças, helicópteros e drones, bem como com fogo naval, durante 3 horas, dizimando a tropa invasora. O governo russo nega qualquer envolvimento com o ataque, porém elementos de guerra eletrônica interceptaram as comunicações dos mercenários e perceberam que conversavam em russo. Outro indício do envolvimento russo foram os ataques de guerra eletrônica às aeronaves menores norte-americanas durante o confronto, provavelmente conduzidos pelas forças armadas russas, considerando-se que se trata de um recurso bastante sofisticado (GIBBONS-NEFF, 2018).

Há pesquisadores que acreditam que isso fazia parte de esforços russos para verificar até que ponto conseguiriam combater as forças dos EUA e seus aliados. Outros estudiosos têm o entendimento de que os mercenários russos estavam obstinados a capturar a usina de Conoco, acreditando que as tropas curdas e os aliados americanos ficariam intimidados com sua demonstração de força. Qualquer que seja a real intenção do ataque malfadado, é peculiar da doutrina militar russa realizar a sondagem da resistência de um adversário; e, quando não encontram oponentes, os russos seguem em frente (GIBBONS-NEFF, 2018).

Segundo Brad Bowman, a utilização de forças irregulares dá a Putin uma capacidade assimétrica para, de modo exponencial, acumular ganhos estratégicos similares aos das forças convencionais e, ao mesmo tempo, minimizar os danos para Moscou se as coisas não correrem bem. Se forem bem, os russos embolsam o ganho; se não, negam envolvimento.

Conclusão

Do exposto, chegamos à conclusão de que as companhias militares privadas russas podem ser empregadas como elementos de manobra em conflitos complexos e de alto risco. Geralmente esses locais, ao serem conquistados, representam ganhos políticos expressivos ao governo, sem ter que empregar suas tropas convencionais nas ações mais críticas. As companhias também fornecem ao Kremlin uma certa flexibilidade de discurso diante da imprensa,

pois, se, em campanhas no exterior, eles lograrem êxito, os louros são do governo russo; contudo, se fracassarem, o governo pode alegar desconhecimento da situação.

Nas áreas das ciências militares, das relações internacionais e dos estudos estratégicos, a pesquisa mostra sua importância porque evidencia um novo *modus operandi* das companhias militares privadas. Antes do Grupo Wagner, empresas como Blackwater ou Dyncorp eram empregadas em missões de segurança de área, escolta de VIPs e treinamento militar às forças de segurança locais, nos países onde os EUA combatiam. As missões de combate, sejam aos insurgentes ou às forças regulares, e de ocupação de locais sensíveis ficavam sob responsabilidade das forças armadas norte-americanas.

O Grupo Wagner, empregado nas ações principais da Guerra da Síria, nos combates mais difíceis contra o Estado Islâmico, permite às tropas regulares ficar em uma posição secundária no confronto. Depois de consolidada a vitória pelos mercenários,

apresentavam-se no local as tropas russas, seguidas das forças sírias, que assumiam a situação a partir dali. De forma intencional, na sequência, entrava a imprensa internacional, que registrava o episódio como uma vitória da coalizão pró-Assad.

Tendo em vista os aspectos observados, vislumbra-se a necessidade do estabelecimento de leis e acordos internacionais como uma solução para regular as ações das companhias militares privadas. Os países que têm poder para fomentar a regulamentação de sua atuação no âmbito internacional, no entanto, são os maiores beneficiados e possivelmente não iriam liderar uma iniciativa nesse sentido.

Resta ao Brasil adaptar-se a mais essa possibilidade de atuação contra companhias militares privadas, ainda que aparentemente remota. É dever constitucional das FA, no entanto, a defesa da soberania da Pátria contra ameaças externas, ou seja, de qualquer natureza, seja ela estatal ou não estatal.

Referências

- ARANHA, Frederico. **Guerra híbrida desvendando a “PMC Wagner”**. Apontamentos a partir de fontes abertas. Defesanet, 7 jul 2018. Disponível em: <http://www.defesanet.com.br/russiadocs/noticia/29702/GUERRA-HIBRIDA-%E2%80%93-Desvendando-a-%E2%80%9C PMC-WAGNER%E2%80%9D/>. Acesso em: 7 fev 2022.
- BRANCOLI, Fernando Luz. **Companhias antropofágicas de segurança no sul global**: narrativa de privatização da violência e construção de ameaças na Líbia e Afeganistão. São Paulo: Unicamp, 2016.
- BRANCOLI, Fernando Luz. Indústrias militares privadas, Plano Colômbia e repercussões no monopólio estatal do uso da força na América do Sul no pós-Guerra Fria. In: XIV Encontro Regional da ANPUH-Rio, 2010, Rio de Janeiro. **Anais do XIV Encontro Regional de História da ANPUH-Rio**: memória e patrimônio [...]. Rio de Janeiro: UNIRIO, 2010. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/ConjunturaAustral/article/view/16507>. Acesso em: 20 fev 2022.
- BRANCOLI, Fernando Luz. Síria e narrativas de guerra por procuração: o caso dos curdos. **Revista da Escola de Guerra Naval**, [s.l.], v. 23, n. 3, p. 589-617, set 2017. Tikinet Edição Ltda. – EPP. <http://dx.doi.org/10.22491/1809-3191.v23.n.3.p.589-617>.
- CARVALHO, Leandro. **Expansão marítima portuguesa**. Historiadomundo.com, 1º fev 2019. Disponível em: <https://www.historiadomundo.com.br/idade-moderna/expansao-maritima-portuguesa.htm>. Acesso em: 11 jul 2022.
- CROWLEY, Sean; LUBER, Steven. Ride of the Russkis: **The Wagner Group in Syria**. Leksika.org, 7 mar 2018. Disponível em: <https://leksikablog.wordpress.com/2018/03/07/2018-3-7-ride-of-the-russkis-the-wagner-group-in-syria/>. Acesso em: 23 maio 2022.
- FURTADO, Gabriela; RODER, Henrique; AGUILAR, Sergio. A guerra civil síria, o Oriente Médio e o sistema internacional. **Séries conflitos internacionais**, UNESP, dezembro 2014.
- GIBBONS-NEFF, Thomas. **How a 4-Hour Battle Between Russian Mercenaries and U.S. Commandos Unfolded in Syria**. The New York Times, 24 maio 2018. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2018/05/24/world/middleeast/american-commandos-russian-mercenaries-syria.html>. Acesso em: 8 abr 2022.

GIGLIO, Mike. **Inside The Shadow War Fought By Russian Mercenaries**. Buzzfeednews, 17 abr 2019. Disponível em: <https://www.buzzfeednews.com/article/mikegiglio/inside-wagner-mercenaries-russia-ukraine-syria-prighozhin>. Acesso em: 22 maio 2022.

KERR, Michael; LARKIN, Craig. **The Alawis of Syria: War, Faith and Politics in the Levant (Urban Conflicts, Divided Societies)** (English Edition). New York: Oxford University Press, 2015. E-Book.

KINSEY, Christopher. **Corporate soldiers and international security: the rise of private military companies**. Taylor & Francis e-Library, 2006.

NASCIMENTO, Marcio Fagundes do. **Uma perspectiva sobre a privatização do emprego da força por atores não estatais no âmbito multilateral**. Brasília: FUNAG, 2010.

NOUEIHED, Lin; WARREN, Alex. **The Battle for the Arab Spring: Revolution, Counter-Revolution and the Making of a New Era**. New Haven, CT: Yale University Press, 2013.

NUNES, T. P. B. V.; SILVA, M. B. **Fundamentos da geopolítica neo-eurasianista na inserção russa no caso sírio**. RBED, ABED, jan/jun 2018. Disponível em: <https://rb.ed.abedef.org/rbed/issue/view/2978>. Acesso em: 14 maio 2022.

PECK, Michael. **What it's like being a russian mercenary in Syria**. The National Interest, 3 maio 2019. Disponível em: <https://nationalinterest.org/blog/buzz/what-its-being-russian-mercenary-syria-55557>. Acesso em: 2 jun 2022.

PETER, Laurence. **Syria war: Who are Russia's shadowy Wagner mercenaries?**. BBC News, 28 fev. 2018. Disponível em: <https://www.bbc.com/news/world-europe-43167697>. Acesso em: 26 fev 2022.

SILVA, Ana Karolina Morais da. **Hegemonia, imperialismo e a guerra na síria: elementos para a análise do sistema internacional contemporâneo**. 2018. TCC (Bacharelado em Relações Internacionais e Integração) – Universidade Federal da Integração Latino-Americana, Foz do Iguaçu, 2018. Disponível em: <https://dspace.unila.edu.br/handle/123456789/4311>. Acesso em: 24 abr 2022.

SUKHANKIN, Sergey. 'Continuing War by Other Means': The Case of Wagner, Russia's Premier Private Military Company in the Middle East. **Russia in the Middle East**. Jamestown.org, 13 jul 2018. Disponível em: <https://jamestown.org/program/continuing-war-by-other-means-the-case-of-wagner-russias-premier-private-military-company-in-the-middle-east/>. Acesso em: 25 abr 2022.

VASILYEVA, Nataliya. **Thousands of Russian private contractors fighting in Syria**. Apnews, 12 dez 2017. Disponível em: <https://www.apnews.com/7f9e63cb14a54dfa9148b6430d89e873>. Acesso em: 15 fev 2022.

Notas

¹ Fundada em 1928, no Egito, com o objetivo de libertar a pátria islâmica do controle dos estrangeiros e infiéis, estabelecendo um Estado Islâmico unificado.

² Grupo Jihadista, de orientação sunita, que pretende instituir um Estado Islâmico.

³ Grupo armado sírio, formado por civis e militares desertores, que tem como objetivo derrubar Bashar al-Assad e instaurar uma liderança democrática e secular.

⁴ Também conhecido como Estado Islâmico, antes denominado Estado Islâmico do Iraque e do Levante ou Estado Islâmico do Iraque e da Síria. É uma organização jihadista ortodoxa e ultraconservadora, criada após a invasão do Iraque em 2003. Também conhecido pelo acrônimo inglês como ISIS, ou por seus oponentes árabes, que não o reconhecem como Estado e nem como islâmico, por Daesh.

⁵ É uma corrente de pensamento antagônica ao mundo Ocidental. Considera geograficamente o mundo inteiro, exceto o Ocidente. No campo militar, repudia EUA e OTAN. Busca preservar culturas, etnias e religiões orgânicas e alcançar uma sociedade mais justa.